

ENTENDENDO OS NÍVEIS DE INTELIGÊNCIA EMOCIONAL DOS PROFESSORES UTILIZANDO O INSTRUMENTO DE HERRERA (2006)

Cristini Feltrin CANEVER¹
Aline Coêlho dos SANTOS²
Cynara de Oliveira GERALDO³
Paulo Rômulo de Oliveira FROTA⁴

65

RESUMO: A inteligência emocional tem como objeto de estudo as emoções e como elas interferem na vida das pessoas, como ferramenta importante nas tomadas de decisões e possui interferência direta na sua qualidade de vida. Dividindo-se em intrapessoal e interpessoal, na primeira versão diz respeito à capacidade de identificar e compreender as próprias emoções e usá-las para resolver situações. A Inteligência Emocional é importante nos ambientes escolares, pois os professores lidam cotidianamente com obstáculos em sua tarefa de educador. Através de um questionário proposto por Herrera, que foi aplicado a 27 docentes de três cidades diversas, na região da Amrec, verificou-se que os níveis de inteligência emocional estão em um nível intermediário segundo aquela escala. No entanto, o processo de ensino-aprendizagem poderia ser melhorado se os professores tivessem um nível mais alto de controle emocional.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligência emocional. Docência. Saúde do educador.

A psicologia emocional

O homem, como qualquer outro animal, reage a um grande número de estímulos do ambiente em que vive com respostas emocionais de dor, alegria, tristeza, raiva, dentre outras. Domar a fera que temos dentro de nós mesmos é um dos propósitos do fenômeno educativo, buscando um homem mais inteligente para a vida em sociedade, uma vez que a Inteligência Emocional tem sido estudada há algum tempo como responsável pela identificação e controle das emoções humanas.

As demonstrações das emoções humanas podem ser explicadas pela capacidade de expor as necessidades que envolvam sentimentos e também de distinguir, por exemplo, um sentimento de honestidade em oposição à desonestidade, pois, indivíduos

¹ Licenciada em Biologia. UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma – SC – Brasil. 88806-000 - aline.cds@live.com

² Licenciada em Biologia. UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma – SC – Brasil. 88806-000 - cristinifc@hotmail.com

³ Licenciada em Biologia. UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma – SC – Brasil. 88806-000.

⁴ UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense. Pós-graduação em Educação. Criciúma – SC – Brasil. 88806-000 - prf@unesc.net

emocionalmente inteligentes conhecem a expressão e a manifestação da emoção, sendo sensíveis a expressões falsas ou manipuladoras.

O conceito mais difundido para Inteligência Emocional foi proposto por Mayer e Salovey (1999 apud FREITAS; NORONHA, 2006), que assim a define:

[...] a capacidade de perceber acuradamente, de avaliar e expressar emoções; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando elas facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional; e a capacidade de controlar emoções para promover o crescimento emocional e intelectual. (MAYER; SALOVEY, 1999 apud FREITAS; NORONHA, 2006, p.80).

Desse modo é possível subdividir o construto inteligência emocional em quatro áreas: a) Percepção, avaliação e expressão das emoções; b) Emoção como facilitadora do pensamento; c) Compreensão e análise das emoções; d) Controle reflexivo das emoções, conforme (BUENO; PRIMI, 2003). Vale lembrar que estas quatro áreas da Inteligência Emocional estão relacionadas com a qualidade das interações entre os indivíduos e o meio. Nesse sentido, a inteligência emocional associa-se à capacidade de reconhecer os significados das emoções e dos relacionamentos, raciocinar sobre eles e utilizar essa informação para orientar as ações de adaptação ao meio (MAYER, 1999 apud MUNIZ; PRIMI; MIGUEL, 2007).

Essa capacidade de adaptar-se ao meio possui consequências em todos os aspectos da vida, pois, segundo Goleman (1995, p.26), “[...] pessoas emocionalmente competentes – que conhecem e lidam bem com os próprios sentimentos e leem e consideram os sentimentos das outras – levam vantagem em qualquer campo da vida.”

Vale salientar que a Inteligência Emocional pode ser dividida em dois aspectos importantes para a personalidade: a capacidade de compreensão das próprias emoções – Inteligência Intrapessoal – e a capacidade de compreender as emoções dos outros – Inteligência Interpessoal.

A Inteligência Intrapessoal, na visão de Gardner (1995), criador da Teoria das Inteligências Múltiplas, visa: “[...] acesso ao sentimento da própria vida, à gama das próprias emoções, à capacidade de discriminar essas emoções e, eventualmente, rotulá-las e utilizá-las como uma maneira de entender e orientar o próprio comportamento”. (GARDNER, 1995, p.28).

Zenhas (2005) reconhece um conjunto de características naqueles possuidores de Inteligência Intrapessoal:

A característica principal deste tipo de inteligência é a facilidade de quem a possui em compreender e identificar as suas próprias emoções e em lidar com elas de forma adequada às várias situações e aos seus objetivos pessoais. Implica a necessidade de refletir e de autoavaliar. As pessoas conhecem os seus pontos fracos e os fortes e conseguem definir objetivos e desafios adequados, não alimentando expectativas irrealistas. Veem o sucesso como resultado do seu esforço, do seu trabalho consciente e planejado e da sua persistência. (ZENHAS, 2005).

A Inteligência Interpessoal, de acordo com Gardner (1995),

[...] está baseada numa capacidade nuclear de perceber distinções entre os outros; em especial, contrastes em seus estados de ânimo, temperamento, motivações e intenções (...) permite que um adulto experiente perceba as intenções e desejos de outras pessoas, mesmo que elas os escondam. (GARDNER, 1995, p.27).

Cabral (2010) nos apresenta um conjunto de características dos portadores de Inteligência Interpessoal, quando afirma que:

[...] a inteligência interpessoal propõe que sejamos emocionais [...] tomando por base a empatia e aptidões sociais que através de hábitos, atitudes e comportamentos [...] como ser prestativa, comportada, tratar as pessoas com consideração, ser humilde, atenciosa, simples, bem-humorada, disposta e que sabe elogiar. Em contrapartida, uma pessoa também pode ser rejeitada por outras pessoas se falar alto, impor sua vontade, contar vantagem, ser egocêntrico, se fazer de vítima, ser fofoqueiro e intriguista. (CABRAL, 2010).

Observa-se que vários profissionais apresentam, uns mais outros menos, parte dos conjuntos de características aqui enunciadas. Um desses profissionais, sem dúvida, é o professor. E o local onde ele mais se relaciona é sua sala de aula – a classe, repleta de alunos, os interlocutores iniciais. Hoje, todavia, temos muitos problemas a agravar a relação docente/discente a partir do desrespeito ao professor, da desvalorização da profissão, jornada muito grande de serviço, escola desaparelhada didaticamente que ajudam a deteriorar o seu clima emocional.

Relação professor/aluno

As relações entre docentes e discentes, muitas vezes, são complicadas pelo fato de que são relações impostas, pois inicialmente não há afinidades ou ligações afetivas envolvidas, apenas a obrigatoriedade de convívio quase que diário. Estes aspectos

tornam um desafio manter a garantia de uma relação saudável e um excelente clima socioemocional em sala de aula.

Segundo Marchesi (2008), o mérito da atividade docente está em que essa relação imposta, expressão das obrigações dos professores e dos alunos, se converta em uma relação construtiva, na qual a competência, a confiança, o afeto e o respeito mútuo constituam seus elementos principais:

[...] as emoções dos docentes expressam a interação com os alunos e com os colegas, mas dependem igualmente das demandas e exigências do sistema educativo e das condições em que se desenvolve seu trabalho. As relações entre a vida dos docentes e sua profissão, o compromisso pessoal na tarefa de ensinar e os riscos que o docente deve enfrentar para manter o sentimento de identidade profissional são fatores que precisam ser levados em conta ao analisar suas emoções. (MARCHESI, 2008, p.62).

Um bom relacionamento entre educandos e professores, principalmente nas séries iniciais, facilita o processo ensino–aprendizagem, pois é muito importante para a criança perceber no professor(a) um amigo(a), já que é o laço afetivo que influenciará diretamente na aquisição do conhecimento.

O problema maior está no aumento de responsabilidades da escola para com a comunidade, sem o preparo específico e sem discussões com a própria comunidade onde ela se insere: a escola trata hoje da prostituição infantil, do tráfico de drogas, da desagregação familiar, das dificuldades de aprendizagem, das DSTs e Aids, do bullying.

Tudo isso porque, na dinâmica do processo ensino–aprendizagem, encontra-se também a moralidade, pois esta estabelece regras para o jogo que se chama aprendizagem. Na verdade, a moralidade humana é o palco, por excelência, onde a afetividade e a razão se encontram, em geral, sob a forma de confronto. Em outras palavras, a afetividade interfere no uso da razão (SANTOS; SILVA, 2002). Sobre isso, Busato (2006) constatou que a compreensão dos sentimentos e das emoções é necessária para a orientação da ação docente, pois facilita para que esse professor enfrente os desafios do mundo atual de maneira mais eficiente e eficaz.

Desgaste emocional dos professores

No entanto, a relação entre professores e alunos e, conseqüentemente, o clima emocional encontrado nas salas de aula estão cada vez mais precários, por inúmeros

motivos. Esses problemas decorrentes das pressões sofridas pelos docentes oriundas de dentro e/ou fora da escola, acabam por causar um descontrole emocional.

Alguns professores sentem que seu relacionamento com os alunos determina o clima emocional da sala de aula. Esse clima poderá ser positivo, de apoio ao aluno, quando o relacionamento é afetuoso, cordial. Neste caso, o aluno sente segurança, não teme a crítica e a censura do professor. Seu nível de ansiedade se mantém baixo e ele pode trabalhar descontraído, criar, render mais intelectualmente. (SANTOS; SILVA, 2002, p.12).

Um desses obstáculos muito expressivo e criador de conflitos em sala de aula é a realidade socioambiental dos estudantes. Segundo Marchesi (2008, p.62) “[...] a violência da sociedade, a marginalização de determinados coletivos de pessoas, as desigualdades sociais e a falta de recursos familiares e pessoais também contribuem para que as relações dentro da escola sejam potencialmente mais conflituosas.” A maior queixa dos professores tem sido a dificuldade de trabalhar com as diferentes culturas e as diferenças individuais dos aprendizes. Comportamentos atípicos, agitados e inquietos são constantes nas salas de aula, e esse fenômeno reporta a outra situação, igualmente nova, que é entender e trabalhar diante dessa realidade e conseguir ser competente (PAROLIN; KÜSTER, [19--?]).

Colaborando com os autores, Salvaro (2009), em sua dissertação de mestrado, na qual descreve as doenças relacionadas com a prática docente, também cita a violência como fator estressante para os professores.

O aumento da violência nas instituições escolares tem se tornado um grande problema, sobretudo por seus efeitos sobre a segurança do trabalhador docente. Muitos professores são atingidos pela violência ora exposta na escola, quando essa violência não se encontra dentro da própria sala de aula. Muitas vezes os docentes são agredidos por alunos, pais de alunos, entre outros. A violência não é somente física, mas também há violência verbal e não verbal. (SALVARO, 2009, p.50).

Recentemente os dramas em sala de aula tem ganhado as mídias, mormente no Estado de São Paulo, por exemplo, muitos professores deixaram as salas de aulas e passaram a desempenhar atividades administrativas após serem molestados por aluno(a)s. Reina solta, na escola, o tráfico de drogas, a venda de armas de fogo, a insubordinação, o desrespeito aos docentes, a ameaça de morte e, muitas vezes a agressão a tiros efetuados sobre os professores por seus alunos adolescentes.

Além desse fator estressante relacionado à docência, o professor ainda encontra pressões vindas de fora do ambiente escolar, que dificilmente consegue dissociar de sua atuação profissional. De acordo com Salvaro (2009), ainda, o docente vivencia os conflitos internos, de seu lar, de sua família, em razão da sobrecarga de trabalho que é imposta ao professor. Em sua pesquisa, Salvaro (2009, p.38) afirma que:

Muitos docentes necessitam assumir vários empregos, gerando uma sobrecarga de trabalho que os impede, muitas vezes, de refletir sobre seu processo de trabalho docente. O tempo gasto com o preenchimento de relatórios, o aumento de horas de aula dos professores, as adaptações constantes aos projetos políticos e os problemas das distâncias que o docente necessita percorrer até o trabalho são condições de uma grande parte dos docentes entrevistados.

Esses problemas enfrentados pelos docentes ao longo dos anos, muitas vezes, evoluem para problemas de saúde física e mental. Não é raro ocorrer doenças relacionadas ao desgaste físico de professores como tendinites, lesões por esforço repetido, entre outras. Assim como, também, é cada vez mais comum encontrar professores que sofrem distúrbios psicológicos.

a) Problemas de saúde física

Como afirma Salvaro (2009),

[...] os docentes, em princípio, possuem reduzido conhecimento do que o processo de trabalho pode lhe trazer em longo prazo. Procuram conhecer e reconhecer-se doente quando a doença já se instalou, pois, preocupados com o seu trabalho, esquecem de vigiar a própria saúde. Quando o professor adocece, começa a perceber como muitos dos outros colegas também estão doentes, passando pelo mesmo processo de doença. (SALVARO, 2009, p.81).

Dentre os vários padecimentos dos docentes, podemos discutir alguns: as Lesões por Esforços Repetitivos (LERs) e os Distúrbios Osteomusculares relacionados ao Trabalho (Dort) estão ligados aos problemas de postura e trabalho excessivo, que podem ser caracterizados por: tendinite, bursite e lombalgias.

Tais esforços repetitivos como a digitação, o escrever na lousa, o apagar seguidamente o quadro, dentre outros realizados pelos docentes podem desencadear os mais diversos e diferentes tipos de doenças osteomusculares. Verifica-se, ainda, que em muitas escolas perduram a falta e a escassez de material e equipamentos, contando ainda a reprografia com mimeógrafo a álcool (de manivela). A jornada longa de serviço em pé

traz sobrecarga para a coluna e fadiga à musculatura. Vale lembrar, também, que a correção de provas e tarefas, a movimentação com livros e provas podem ocasionar problemas ortopédicos. De início, os docentes executam suas funções e fazem muito além do que lhes é solicitado. Só com o tempo vão perceber que pequenos atos feitos com e por amor podem causar danos a si próprio.

Dentre estas doenças que acometem os docentes, a síndrome do túnel do carpo é a neuropatia compressiva mais comum e resulta da compressão do nervo mediano no nível do punho dentro do compartimento limitado pelo ligamento transversal do carpo. (ROBBINS, 1996, p.1161-1162).

Acredita-se que as causas deste tipo de lesão sejam a exigência da escrita e a posição e forças que devem ser feitas no ato de escrever prolongado, sendo apelidada de câimbra do escrivão. Outro fator importante no adoecer dos docentes é a hipertensão arterial sistêmica que, segundo Silva e Souza (2004, p.330), “[...] representa grave problema de saúde. Alguns fatores de risco para a doença são mais comuns em centros urbanos das metrópoles.”

b) Problemas de saúde psíquica

Os transtornos psicológicos que afetam os docentes se justificam pelas repetidas situações estressantes que ele enfrenta na sala de aula e também fora dela. Essas situações exigem muito controle emocional, controle que o professor acaba perdendo ao longo da sua trajetória docente.

Em recente pesquisa realizada em Criciúma, por Salvaro (2009), sobre as doenças que acometem os professores, ela afirma:

O que vejo é professor fatigado, cansado, “estoura” com facilidade com seus colegas com palavras indelicadas, docentes com semblante desfigurado pela dor da tendinite, da hérnia na coluna, da voz rouca, da depressão, enfim, são muitas as situações que podem ser “lidas” no semblante, no olhar, no corpo do docente através da comunicação não verbal. (SALVARO, 2009, p.43).

O descontrole emocional dos professores é comentado por Marchesi (2008), que afirma:

[...] a situação deles (professores) se explica principalmente pelo contexto político e social; por isso, suas emoções não são apenas uma

questão individual, devendo ser compreendidas de um enfoque histórico, interativo, sociológico, global e interpretativo. (MARCHESI, 2008, p.62).

Assim um ambiente hostil, perda de pessoas queridas, incertezas, conflitos interpessoais, carga de trabalho inadequada, falta de recompensa ou reconhecimento e conflitos de valores são fatores que fortemente desencadeiam o descontrole emocional. E os professores são bombardeados sempre com conselho de classe, associação de pais, aluno traficante de drogas, grupos de indisciplinados em sala, etc.

Controle emocional dos professores

Como já foi dito, o controle emocional dos professores é muito importante para o ambiente educacional, pois é um recurso indispensável para o docente no que diz respeito à construção de uma relação saudável com os alunos e, conseqüentemente, um adequado processo de ensino. Segundo Busato (2006):

O professor pode ter um comportamento equilibrado ao responder aos desafios dos relacionamentos, quando ele é capaz de acolher e escutar os seus alunos. E, no processo da compreensão das emoções e dos sentimentos, viu-se que, ao entender o processo interior, o ser humano está mais preparado para responder aos desafios relacionais. (BUSATO, 2006, p.65).

O que se deve considerar é que o ato de ensinar e de aprender é uma constante troca, onde se torna imprescindível que o professor seja um educador que enfrente desafios e compreenda que o conhecimento se processa através de valores que embasam e justificam a aprendizagem, nas relações interpessoais dos sujeitos envolvidos no processo e que o vivenciam em sala de aula (SANTOS; SILVA, 2002).

Como consequência do controle emocional, é de se esperar que os conflitos escolares e o desgaste dos docentes sejam diminuídos, transformando a escola em um ambiente pacífico e harmonioso para docentes e discentes. Em uma sociedade cada vez mais complexa, competitiva e provocadora das relações da pessoa consigo mesma e com os outros, é fundamental ao professor aprender a lidar com suas emoções e sentimentos. Observa-se que alguns professores encontram dificuldades de natureza relacional na interação com os seus pares e com a comunidade educativa, mas principalmente com os seus educandos (BUSATO, 2006).

Alguns professores conseguem fazer predominar as emoções positivas em sua

atividade profissional; outros, ao contrário, sentem-se oprimidos pelas exigências e pelas dificuldades de enfrentá-las, o que marca a prevalência do desânimo e da amargura (MARCHESI, 2008), que podem evoluir para problemas físicos e psicológicos. Por isso, é que se faz necessário diagnosticar os níveis de Inteligência Emocional dos professores, para que se possa inferir como os docentes compreendem suas próprias emoções e como eles lidam com as emoções dos outros.

Os níveis de inteligência emocional

A pesquisa foi realizada com uma amostra de 22 professores, em três cidades da região sul de Santa Catarina, região da Amrec. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se um questionário com questões fechadas, dividido em parte relativa à identificação e um teste de Inteligência Emocional, segundo Herrera (2006). Cada questão do teste consistia na descrição de uma situação que envolvesse aspectos emocionais que deveria ser julgada e relacionada com a frequência com que eram experimentadas pelos entrevistados. De acordo com a frequência assinalada em cada questão, foram atribuídos valores numéricos entre zero e quatro, totalizando 48 pontos.

Depois de aplicado, o teste foi apurado, permitindo categorizar os respondentes nas seguintes categorias: menos de 24 pontos – inteligência emocional baixa; de 24 a 36 pontos – inteligência emocional intermediária; mais de 36 pontos – inteligência emocional superior (HERRERA, 2006).

Cada nível destes pode ser assim descrito, a partir de Goleman e Vergara (1996):

***El hombre con CI elevado:** Posee una amplia variedad de intereses y habilidades intelectuales. Es ambicioso y productivo, previsible y obstinado, y no se preocupa por sí mismo. Tendencia a ser crítico y condescendiente, fastidioso e inhibido, incómodo con la sexualidad y lo sensual, inexpresivo e indiferente y emocionalmente afable y frío.*

***El hombre con Inteligencia Emocional elevada** son socialmente equilibrados, sociables y alegres. Comprometidos con las personas o las causas, asumen responsabilidades, son solidarios y cuidadosos de las relaciones. Vida emocional rica y apropiada, se sienten cómodos con ellos mismos, con los demás y con el universo social donde viven.*

***Las mujeres exclusivamente con CI elevado:** seguridad intelectual, fluida expresión de sus ideas, valoran las cuestiones intelectuales, tienen amplia variedad de intereses intelectuales y estéticos. Suelen ser introspectivos, propensas a la ansiedad, a la reflexión, a sentimientos de culpabilidad, vacilan si se trata de expresar abiertamente su ira.*

Las mujeres emocionalmente inteligentes: son positivas con ellas mismas y abiertas al expresar sus sentimientos. Son sociables, expresan sus sentimientos adecuadamente, se adaptan bien a la tensión, aplomadas socialmente, cómodas con ellas mismas y alegres, espontáneas y abiertas a lo sensual, raramente son ansiosas o culpables, no se hunden en la reflexión. (GOLEMAN; VERGARA, 1996, p.8, grifo nosso)

Essas descrições são probabilísticas, porque cada um de nós é sempre um conjunto de todas elas, pois vivemos e atuamos em um mundo social, onde influenciemos e somos influenciados.

Análise e discussão dos dados

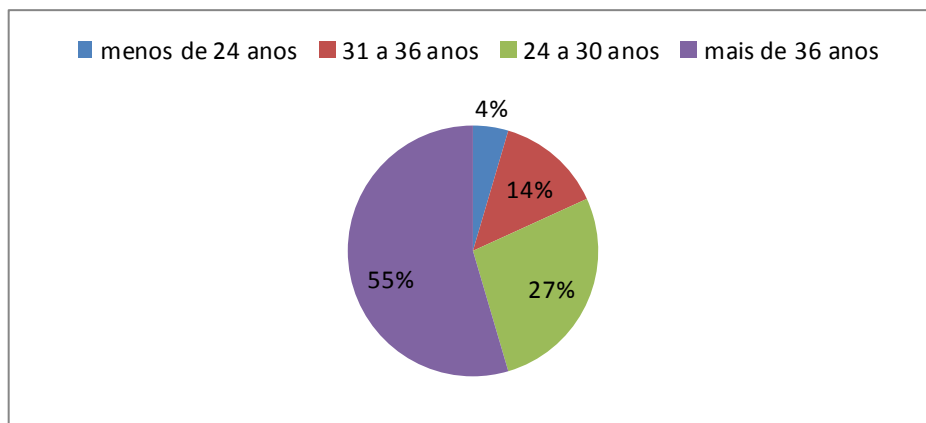
Dos professores entrevistados, a grande maioria era do sexo feminino (19), situação facilmente encontrada nas escolas da região e para o grau de ensino e séries.

Segundo as afirmações feitas por Salvaro (2009):

[...] as mulheres têm tido uma presença crescente nas escolas em todos os níveis de ensino no Brasil. O processo de feminização do magistério representou para as mulheres uma forma de avanço no que se refere à possibilidade de conquistar um espaço público, não ficando restrita aos ambientes domésticos. [...] Assim, a mulher foi construindo sua identidade enquanto pessoa, mulher e professora. (SALVARO, 2009, p.65).

Em relação ao tempo de serviço, nenhuma das categorias sobressaiu às outras. Foram registrados, na amostra, professores com menos de cinco anos de magistério até professores com mais de 15 anos de serviço. Entre os cursos feitos na graduação pelos entrevistados, os mais expressivos foram: Pedagogia (9), Ciências Biológicas (5) e Letras (3). A faixa etária dos entrevistados está listada no gráfico a seguir (Gráfico 1).

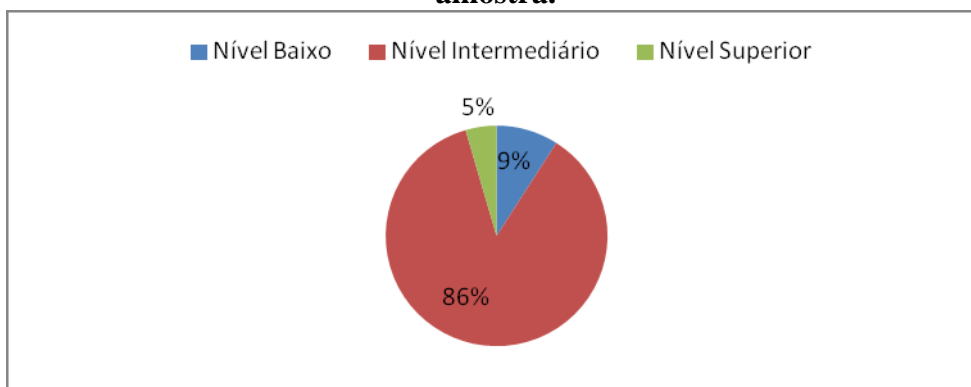
Figura 1 - Gráfico mostrando a distribuição da faixa etária da amostra.



Fonte: Elaboração própria.

Os níveis de Inteligência Emocional foram classificados, de acordo com a pontuação dos testes. Dos 22 professores entrevistados, dois (2) tiveram sua Inteligência Emocional abaixo do esperado. E apenas 1 (um) obteve pontuação classificada como Inteligência Emocional Superior.

Figura 2 - Gráfico da distribuição dos Níveis de Inteligência Emocional na amostra.



Fonte: Elaboração própria.

Outro aspecto da pesquisa foi a análise dos níveis de Inteligência Emocional Interpessoal e Inteligência Emocional Intrapessoal. O questionário, então, foi separado de acordo com o teor das questões. Foram cinco questões relativas à Inteligência Interpessoal, que demonstra a capacidade que os professores possuem de compreender as emoções alheias e, conseqüentemente, auxiliar no controle do estado emocional dos colegas e alunos. E outras sete questões foram relativas à Inteligência Intrapessoal, habilidade de compreender a si próprio.

Notou-se que os entrevistados conseguiram maior pontuação nas questões relativas à Inteligência Interpessoal. Nessas perguntas, em que a pontuação máxima era 20, a média alcançada foi 14 pontos, correspondendo a 70,4%, ou seja, a maioria das pessoas apresentou a capacidade de reconhecer o estado emocional de outras pessoas.

No entanto, os níveis de Inteligência Intrapessoal demonstrados pelos docentes foram mais baixos. Dos 28 pontos máximos, a média alcançou 15,4 pontos, o que corresponde a apenas a 54,9%. Este fato evidencia que os professores têm problemas em lidar com as próprias emoções, ou seja, possuem dificuldades em identificar, compreender e controlar suas emoções e usá-las de forma a resolver problemas ou agir de modo que não interfiram na sua prática pedagógica.

Considerações finais

Várias pesquisas (HERRERA, 2011; BUERNO; PRIMI, 2011; CABRAL, 2011) apontam a Inteligência Emocional como um aspecto extraordinário nas relações interpessoais, afinal, é ela que está presente nos grandes líderes que comovem multidões, e também nos grandes empresários que conseguem coordenar inúmeros funcionários. Isso só para citar alguns exemplos, pois como já foi visto, a Inteligência Emocional permite o controle das próprias emoções e a compreensão das emoções alheias, facilitando assim tomadas de decisões em qualquer sentido da vida.

A pesquisa sobre Inteligência Emocional de professores é escassa, mas é óbvio que também nas escolas é importante que os funcionários possuam controle sobre suas emoções e também saibam conviver com as emoções demonstradas por outras pessoas. A importância deste controle está principalmente em dois aspectos da vida escolar. Um deles é a relação aluno/professor, pois, como foi visto, o mérito dos professores nessa relação é a capacidade de conseguir desenvolver um bom trabalho, levando em consideração o clima emocional da sala aula, ou seja, realizar o processo de ensino-aprendizagem sabendo como trabalhar com os obstáculos encontrados na docência, como a violência, o desrespeito e a desvalorização meritória. O professor que contorna esses problemas com o domínio das próprias emoções e compreensão dos sentimentos dos alunos pode criar relações harmoniosas e mais humanas.

Outro aspecto, tão importante quanto o primeiro, diz respeito à saúde física e emocional dos docentes. É sabido que os professores sofrem de inúmeros males decorrentes da prática pedagógica; são dores de cabeça, dores musculares, depressões e

lesões que decorrem de um trabalho exaustivo e muitas vezes conflituoso. Por isso, espera-se que professores com Inteligência Emocional desenvolvida tenham uma postura mais tranquila em sala de aula, que consigam lecionar e agir de forma mais controlada e menos conturbada, o que, obviamente, contribuiria para o bem-estar e a saúde dos docentes.

Nesta pesquisa constatou-se que os professores conseguem se relacionar melhor com as emoções alheias do que com as próprias emoções, fato que demonstra o descuido e a negligência que o professor se impõe, que impedem introspecções e avaliações do seu estado de ânimo, o que resulta num descontrole emocional que afeta a vida profissional e pessoal. Constatou-se ainda, que o estado emocional dos docentes encontra-se em níveis intermediários, o que, apesar de ser razoável, pode ser insuficiente para a prática pedagógica. Essa situação poderia ser melhorada com a divulgação do tema, além de cursos e palestras que orientem os professores para o desenvolvimento do controle emocional e o cuidado com este tipo de Inteligência.

UNDERSTANDING THE TEACHERS' LEVELS OF THE EMOTIONAL INTELLIGENCE BY THE HERRERA (2006) INSTRUMENT

ABSTRACT: *Emotional intelligence has as its object of study of emotions and how they impact on people's lives, as an important tool in decision making and has direct influence on their quality of life sharing in intrapersonal and interpersonal, in the first version relates to the ability to identify and understand their emotions and use them to solve situations. The interpersonal intelligence demonstrates the ability to identify and understand the emotions and moods of others, even if they hide. Emotional Intelligence is important in school settings because teachers deal with everyday obstacles in their work as educators. Through a questionnaire proposed by Herrera which teaching was applied to 27 three different cities in the region of AMREC, it was found that levels of emotional intelligence are at an intermediate level according to that level. However, the process of teaching and learning could be improved if teachers had a higher level of emotional control.*

KEYWORDS: *Emotional intelligence. Teaching. Health educator.*

REFERÊNCIAS

BUENO, J. M. H.; PRIMI, R. Inteligência emocional: um estudo de validade sobre a capacidade de perceber emoções. **Revista Psicologia**: reflexão e crítica, Porto Alegre, 2003, v.16, n.2, p.279-91. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n2/a08v16n2.pdf>>. Acesso em: 09 fev. 2011.

BUSATO, A. **Pedagogia do aconselhamento e formação docente: educando emoções e sentimentos**. 2006. 152f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: <

http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_arquivos/2/TDE-2007-09-05T120524Z-632/Publico/Agostinho%20Busato%20Ok%20.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2011.

CABRAL, G. **Inteligência interpessoal**. [S.l.], 2010. Disponível em:

<<http://www.brasilecola.com/psicologia/inteligencia-interpessoal.htm>>. Acesso em: 19 mai. 2011.

FREITAS, F. A.; NORONHA, A. P. P. Inteligência emocional e avaliação de alunos e supervisores: evidências de validade. **Revista Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v.8, n.1, p.77-93, 2006. Disponível em: <http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872006000100006&lng=pt&nrm=iso> . Acesso em: 5 abr. 2011.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. 69. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GOLEMAN, D.; VERGARA, J. **El libro que revoluciona el concepto de inteligencia: la inteligencia emocional**. Buenos Aires, 1986. Disponível em: <<http://www.monografias.com/trabajos19/inteligencia-emocional/inteligencia-emocional.shtml>>. Acesso em: 19 mai. 2011.

HERRERA, N. M. A. **La inteligencia emocional en la educación**. Buenos Aires, 2006. Disponível em: <<http://www.monografias.com/trabajos34/inteligencia-emocional/inteligencia-emocional.shtml>>. Acesso em: 24 mai. 2011.

MARCHESE, A. As emoções na docência. **Revista Pátio**, Porto Alegre, n.47, p.61-63, ago/out. 2008.

MUNIZ, M.; PRIMI, R.; MIGUEL, F. K. Investigação da inteligência emocional como fator de controle do *stress* em guardas municipais. **Revista Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v.9, n.1, p.27-41, 2007. Disponível em: <<http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/ptp/article/viewFile/678/397>>. Acesso em: 14 abr. 2011.

PAROLIN, I. C. H.; KÜSTER, S. M. G. S. **As emoções e os estilos e aprendizagem no processo de ensinar/aprender**. [S.l.], [19--?]. Disponível em:

<http://www.isabelparolin.com.br/artig_asemocoes.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2011.

ROBBINS, S. L.; COTRAN, R.; KUMAR, V. **Patologia Estrutural e funcional**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996. p.1161-1162.

SALVARO, M. S. **Processo de trabalho docente: relação entre o ser e o adoecer**.

2009. 110f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2009. Disponível em:
<<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000040/000040F5.pdf>>.
Acesso em: 5 abr. 2011.

SANTOS, R. M.; SILVA, A. C. **Relação professor aluno:** uma reflexão dos problemas educacionais. 2002. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro de Ciências Humanas e Educação, Universidade da Amazônia, Belém, 2002. Disponível em:
<http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/relacao_professor_aluno.pdf>.
Acesso em: 14 abr. 2011.

SILVA, J. L. L.; SOUZA, S. L. de. Fatores de risco para hipertensão arterial sistêmica versus estilo de vida docente. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v.06, n.03, p.330-335, 2004.

ZENHAS, A. **Inteligência interpessoal.** Porto: Porto Editora, 2005. Disponível em:
<<http://www.educare.pt>>. Acesso em: 19 mai. 2011.